

Palhaços vivem emoção maior com circo armado na Avenida

Palhaço quando deixa de rir, não chora: vira poeta. E palhaço deixa de rir justamente nos quatro dias do ano que o calendário reserva só para isso: o carnaval. Mas como esse ano o carnaval roubou seu picadeiro, ele vai deixar as poetagens para depois. E vai sair de palhaço, no meio do maior circo que já armaram no mundo, rindo o melhor de si. Porque, enfim, o mundo que ele criou vai virar carnaval.

Ele está só com uma ponta de tristeza. De poeta. E que esqueceram de escrever nas ruas alguns nomes que já provocaram as risadas mais gostosas desse país. Mas é tristeza pouca, porque circo é família. E a família toda, com seus trapézistas e mágicos, suas bailarinas, seus ursos e elefantes está na avenida. Colorida até a alma. Por isso, os palhaços estão radiantes: *O Circo Vem Ai*, como decoração da cidade para o carnaval. Mais vivo do que nunca.

NARIZ ROLIÇO

O Sr. George Gomes, nariz roliço, cara rosada de boca branca, acha que o mais importante de tudo foi o circo ter ganho a concorrência da Secretaria de Turismo para ser decoração da cidade. Entraram quatro temas. Só um de circo, que acabou ganhando.

— E os meninos, Adir Botelho, Davi Ribeiro e Fernando Santoro, imaginaram um circo bonito, lindo, colorido como ele sempre foi. E além de tudo, o maior circo do mundo. Isso arrepiava a gente, mexe com nossa alegria, porque todo mundo anda espalhando que o circo vai morrer. Ai está ele dentro da avenida, picadeiro de samba.

George, 56 anos, voz enrouquecida pelos 50 anos de gargalhadas, é o Carequinha.

Frederico Viola, o Fred, é seu parceiro de vida e felicidade. Tem 62 anos. Os dois estão na avenida, junto com Arrelia, Piolim, Tico-Tico, Temperani, Oscarito, Polidoro, Olimecha, Peteleco e Chicharrão. Falta gente. E falta metade de gente, como o Sr. Fausto Gomes, o "homem que nasceu com 50% de abatimento ou o único Meio-Quilo bem pesado do mundo." Faltou Zumbi, de nome Aímore Perí, o palhaço mau que no palco foi André Gargalhada, e que na vida faleceu em julho de 1969.

COROA DE CAPIM

O circo armado para o carnaval está também sem um dos maiores palhaços brasileiros. O Benjamim, primeiro prelo da classe, falecido em 1954. Entre 1920 e 30, teve seu auge de circo. Mas sofreu antes disso. Sempre muito explorado, riu sob as mais variadas lornas. Numa delas, o palhaço principal, um dia caiu doente. Era o Freitinhos. Benjamim de Oliveira se vestiu alegre, e foi substituí-lo. Foi vaiado pelos fãs do doente. Uma vez, jogaram sobre ele uma coroa de capim. Benjamim, palhaço baixo, baixou a cabeça e chorou triste. E vieram vaias. Contido o choro, ergueu-se e reclamou:

— Se deram a Cristo uma coroa de espinhos, por que não me dar essa de capim?

Foi seu primeiro sucesso. Sua vida começou do choro. Mais tarde, foi cumprimentado até pelo Presidente da República, então o Marechal Floriano. E em dramas levados no circo, foi até o *Otelo* de Shakespeare. Se seu nome não está no circo da avenida, vai entretanto ser cantado nela, como tema do enredo do Rancho União dos Caçadores, que fala também do Carequinha e de Arrelia.

E dos palhaços, do circo em geral que faz "sorrir o tempo e alegrar o coração."

Mas o Cardona não está na avenida. E devia, porque foi o inventor do palhaço no Brasil. Antes dele só havia clown, como Fred é hoje, um palhaço respeitoso que contracenava com o palhaço em si. Cardona era tio de Oscarito, outro palhaço no carnaval. E faltam o Pompílio, o Espiga, o Zovéti e Colé, que já foi Picolé no circo.

POETA COLORIDO

Mas lá está o Polidoro, nome bem grande escrito nas avenidas. Seu neto, Oscar Polidoro, é mestre-de-pista do circo do Carequinha. O velho Polidoro era poeta repentista, meio charadista, cançonetista, artista grande. Chegou a fazer dupla com o prelo Benjamim. E quando alguém da plateia lhe dirigia gracejos, ele respondia em versos. Seu filho, Nilo Polidoro, pai de Oscar, foi o palhaço Nilo Minhoca. Uma família alegre. Oscar se define orgulhoso como o "último dos Polidoros." O avô está na avenida.

— O circo não morre — diz Carequinha. Enquanto houver criança no mundo, vai haver o circo. Essa decoração serve para mostrar que nós estamos aí, discretos, fazendo graça nos subúrbios, cada vez mais fortes. E estaremos sempre. Ganhamos o maior picadeiro do mundo, o carnaval. Estamos alegres, nossos filhos comentam. Meus netos estão radiantes, comenta Fred. Nossos nomes estão escritos nas ruas.

Por tudo isso, o palhaço está alegre. Quer ver o circo pegar fogo.

— Aliás — explica Meio Quilo — é uma injustiça dizer que nós gostamos de incêndio. O *pegar fogo* da frase significa muita alegria, muita risada. Prazer de palhaço é ver risada nas crianças.

— Uma vez, fomos fazer uma festinha de aniversário e só tinha duas crianças — conta Carequinha. Começamos nossas palhaçadas, e nenhuma delas ria. Ai, eu apelei pro tapa, cambalhota e pontapé. Uma das crianças riu. A mãe, que estava do lado, deu-lhe um puxão de orelhas, pedindo que não fizesse aquilo, porque rir é falta de educação. Ah, saí de lá com o coração amarrado, um dos meus piores dias.

O circo do carnaval não tem disso. Talvez seja o mais alegre do mundo. E o mais colorido. Com artistas que só o são por quatro dias no ano. Com sangue de samba.

CARNIVAL DE DESCANSO

— Nosso carnaval — conversa Carequinha — é o ano inteiro. Acontece 361 dias por ano, 362 nesse porque é bissexto. E no carnaval em si, nós paramos. Para descanso, que palhaço não é de ferro. Nem de borracha, conforme imaginam. Eu vou viajar com a família.

— Eu vou sair de Meio-Quilo, diz o próprio.

— E eu vou de Fred mesmo, junto com meu filho que vai me filmar a cores na avenida, entre girafas, ursos, trapézios e onde meu nome está escrito. Esse circo precisa ficar na história da minha vida.

— E eu — diz Zé Linguíça, substituído do Zumbi no circo do Carequinha — vou caprichar cada vez mais pra meu nome sair na avenida quando o circo voltar. Por mais tecnológica que esteja a vida daqui a uns 20 anos, o circo vai enfeitar a avenida de novo. Como está enfeitando esse ano, embora ninguém esperasse. Palhaço não deixa de rir nem fica sério: vira poeta. E enquanto o palhaço for poeta o circo não morre.

ABRIL - 1974

cantinho
das
CANÇÕES

ALMIRANTE



Benjamim de Oliveira

O amável leitor Enéias França, de Ipanema, não conseguiu dados de Benjamim de Oliveira e o CANTINHO DA CANÇÃO responde nesta coluna com os seguintes detalhes.

A 11 de junho de 1870, em Pará de Minas, filho de escravos, nasceu Benjamim de Oliveira. Sua mãe, Leandra e o pai Malachias, seu nome registrado com a letra de k. A profissão do pai popularizou-se em Minas como amansador de cavalos e burros. Sua mãe fazia «pés-de-moleque» e o filho os vendia pelas ruas. Com 12 anos o menino tornou-se guia dos peões das regiões. Em certo dia um fato pouco comum agitou a cidade, pois ali chegou um circo, o Circo Sotero, com atrações novas para o povo, com palhaços, malabaristas e artistas equestres. Sem entrar no circo, de fora vendendo os doces, ouvindo o tropel dos cavalos e ao saber de um prêmio de quem montasse sem cair de um potro bravo indomável. Benedito apresentou-se e venceu, sendo muito aplaudido. Assim ingressou no circo atuando em outras companhias e trabalhando nos trapézios, nas barras, equilibrando-se nos arames e dando saltos mortais. Com um velho violão sem cordas que obteve, iniciou a tocar o instrumento solando com uma só corda e com sua mão esquerda, sendo canhoto. Assim compôs sua primeira música, o lundu, que durante anos cantava com quadrinhas de improviso com o título de POMADA COM SABÃO e que o palhaço considerou seu maior repertório:

Al, tutu,
Tutu com feijão,
Tutu com farinha
É muito bão.

Além de cenas nos seus circos representava e cantava. Em certa ocasião, na cidade de Amparo, de São Paulo, o prefeito realizou um baile, sendo convidada a banda do circo em que Benjamim de Oliveira viu-se obrigado a cantar números conhecidos, entre eles o maxixe SÃO PAULO FUTURO, da autoria de Fernando Lobo (Marcelo Tupinambá) e Danton Vampré pelo sucesso da peça do mesmo título que se encenava na capital:

Vem morena para o teu furriê,
Tu não tem pena do teu Mané,
Eu te espero gemendo de dô
E desespero sem o teu amô

Ai vem, meu bem,
Tu já deu teu coração
Ai tu não vem
Pois eu morro de paixão.

Na fase em que Benjamim de Oliveira dirigia o Democrata Circo-Teatro, no Rio, montou o drama lírico «Os Pescadores» e depois a revista «A Mulata do Xodó», libreto de Francisco Guimarães, o «Vagalume», com a melodia do palhaço que teve grande popularidade durante anos:

A mulata da minha terra
É pior do que pimenta,
Se a mulata tem xodó
Qualquer um que agüenta.

Mulata cor de jambo,
Mulata do xodó,
Vem ver como eu sambo
No passo do jocotó.

No circo, Benjamim montou a opereta «A Ilha das Maravilhas» com várias melodias e a principal sua valsa «Albatrós», figurando um monstro marinho cantando seus versos e ao final da peça, encarnando-se como um jovem príncipe. No Circo Spineli, o palhaço representou integralmente a opereta «Viúva Alegre», o maior sucesso no Rio de Janeiro. Contratou o cenógrafo Eugenio Bandeira e o guarda-roupa de Mme. Genoveva Meteoti. O picadeiro assoalhado e encerado e com números de baile. Nos principais papéis, Kaumer Peri, como Camilo de Rossilon; Lili Cardona, tia de Oscarito, Ana de Glavari; Enquanto Ferreira, Barão de Cascador e como o Conde Danilo o Baiano da Casa Edison, somente cantor mas sendo obrigado a aprender com um professor os passos da valsa para que também dançasse nas cenas da opereta.

Ao completar 77 anos de idade, em programa de Rádio, este colunista tendo amizade pessoal com Benjamim de Oliveira, narrou sua existência. Além de várias declarações curiosas de sua longa vida nos circos, pela primeira vez cantou alguns números de frente de um microfone de Rádio e entre eles o lundu «O Perigo». Ainda mencionou trechos do antiquíssimo lundu MULATINHA DO CAROÇO que em Minas todos cantavam sem citar seus autores e publicados nos Trovadores, de 1876.

Benjamim de Oliveira faleceu com 84 anos de idade, a 30 de maio de 1954.

No circo, Benjamim montou a opereta «A Ilha das Maravilhas» com várias melodias e a principal sua valsa «Albatrós», figurando um monstro marinho cantando seus versos e ao final da peça, encarnando-se como um jovem príncipe. No Circo Spinelli, o palhaço representou integralmente a opereta «Viúva Alegre», o maior sucesso no Rio de Janeiro. Contratou o cenógrafo Eugenio Bandeira e o guarda-roupa de Mme. Genoveva Meteoti. O picadeiro assoalhado e encerado e com números de baile. Nos principais papéis, Kaumer Peri, como Camilo de Rossilon; Lili Cardona, tia de Oscarito, Ana de Glavari; Enquanto Ferreira, Barão de Cascador e como o Conde Danilo o Baiano da Casa Edison, somente cantor mas sendo obrigado a aprender com um professor os passos da valsa para que também dançasse nas cenas da opereta.

Ao completar 77 anos de idade, em programa de Rádio, este colunista tendo amizade pessoal com Benjamim de Oliveira, narrou sua existência. Além de várias declarações curiosas de sua longa vida nos circos, pela primeira vez cantou alguns números de frente de um microfone de Rádio e entre eles o lundu «O Perigo». Ainda mencionou trechos do antiquíssimo lundu MULATINHA DO CAROÇO que em Minas todos cantavam sem citar seus autores e publicados nos Trovadores, de 1876.

Benjamim de Oliveira faleceu com 84 anos de idade, a 30 de maio de 1954.

Eu gosto da cor morena,
Sempre amena
Que mimosa me arrabata;
Essa cor é da faceira,
Feiticeira,
Mulatinha que me mata.

Eu gosto dos olhos dela
Quando ela
Para mim os quer volver;
Esses olhos melindrosos,
Tão formosos
Dizem — sim — até morrer.

Amo a cor que se coloca
Na pipoca,
Na parte que não rebenta;
Essa cor assim querida,
Conhecida
Nos bolinhos da mãe Benta.

Mulatinha do caroço
No pescoço
Eis aqui o teu cambão;
Mete o ferro de agulhada,
Minha amada
No teu dengue cachorrão.

Fura, fura, minha bela,
Na costela
De teu grato camafeu;
Dar-te-ei o que puder
Se a mulher,
Meu amor de ti nasceu.

Dar-te-ei o que quizeres,
Se fizeres
Quanto trago em minha mente...
Nos meus braços, meus cuidados
Oh! pecados!
Vai-te embora, que vem gente!

A seguir: MEU NOME É NINGUÉM.

Noite

24/10/43

Noite Sertaneja, em homenagem a Catulo



Catulo da Paixão Cearense

Vai ser uma festa esplendida a do dia 5 de novembro próximo, no Pavilhão Dudú, em homenagem a Catulo da Paixão Cearense. Será a noite da saudade, das coisas brasileiras, de coisas cheias da beleza sertaneja que tanto tem inspirado a poesia de Catulo e que todo o Brasil canta e gosta, pelo seu sabor de simplicidade, pela sua ingenuidade desartificialosa. Nessa noite o vate sertanejo receberá nova e expressiva homenagem popular. Todo o espetáculo se constituirá de cenas, episódios, canções genuinamente do sertão e tudo interpretado por artistas escolhidos entre os melhores. Terá duas partes. Na primeira representará a Companhia Cacilda Gonçalves a linda peça de Gastão Tojeiro, "Onde canta o sabiá" e na segunda, o quadro especialmente composto com cenários próprios — "Luar do Sertão", em que cantarão Rosita Barrios, Jacá e Lacê, Jussára de Oliveira, Maria Bezerra, Marieta Camargo e outros.

Promove esse espetáculo a atriz Carmen Navarro, um dos melhores elementos da Companhia Cacilda Gonçalves.

O palhaço de duas gerações

Benjamim de Oliveira completou, ontem, 80 anos



O velho palhaço Benjamim de Oliveira

Na noite de ontem, a modesta casa de Benjamim de Oliveira esteve em festas, cheia de amigos e companheiros de jornadas artísticas, que ali foram comemorar o 80.º aniversário natalício daquele que foi o palhaço de duas gerações, de vez que sua história nos picadeiros começa antes da última década do século passado.

Benjamim foi a alma dos nossos circos por mais de cinquenta anos, fez rir multidões e multidões por este Brasil afóra, chegou a ser rico, mas, como todo artista do seu tempo, empobreceu de novo. Hoje, na sua velhice, recebe numa pequena pensão do Estado, votada pelo Congresso, e vive, cercado dos seus filhos e netos e de não poucos amigos, na sua modesta residência de Terra Nova, ruminando as saudades dos tempos dos seus triunfos e... dos seus fracassos.

Ainda agóra, no picadeiro de sua longa existência, Benjamim é um palhaço diferente: o mal que deseja a algum inimigo é que ela tenha saudades...



47. Feira
3-junho-1925

ULT

Um boato que emocio- na as rodas theatraes

Parece, felizmente, que Benjamin de Oliveira está vivo

Embora não tenhamos até este momento uma informação que negue o boato, também, não possuímos outra qualquer que o positive. Aceitemos, portanto, o proverbio: "pas de nouvelles, bonnes nouvelles". Referimo-nos ao boato da morte de Benjamin de Oliveira, em Bello Horizonte, possivelmente assassinado, após uma contenda, por um collega seu, também palhaço de circo. Tanto o telegramma da Casa dos Artistas, como o da A NOITE não tiveram resposta da capital mineira. Não teriam os destinatarios recebido os telegrammas? Demora no despacho? De qualquer sorte, porém, não é crível que factos de tal monta, não tivessem já passado pelos fios telegraphicos.

Ao mesmo tempo chegamos, hoje, noticias melhores. O Sr. Julio P. Mendonça, amigo de Benjamin de Oliveira, recebeu hoje uma carta expressa daquella popular artista. Seu signatario teve a gentileza de trazer-a á nossa redacção afim de que a lessemos, o que fizemos. Nessa carta, que é procedente de Bello Horizonte e datada de 1 deste mez, Benjamin dá noticia do successo com que ali estreou a companhia de que faz parte, "Circo-Theatro Dudú". A proposito elle cita as receitas attingidas pela bilheteria do circo, para demonstrar a veracidade da sua informação: o circo fez 6:700\$000, no sabbado, em que estreou, e 10:400\$000, no domingo seguinte. E Benjamin de Oliveira acrescenta que ainda não havia estreado ao publico mineiro, o que faria breve.

Hoje passamos a ler os jornaes de Bello Horizonte, hontem editados. Nenhum faz referencia ao facto. E' crível que um crime em que se envolvem dois nomes tão populares não lhes merecesse registo? Provavelmente mereceria. Admitte-se, apenas, a hypothese da hora adiantada ter escapado ao encerramento das edições dos periodicos da capital mineira.

Esperamos, entretanto, receber, ainda hoje, resposta aos telegrammas urgentes que expedimos aos correspondentes e representantes da A NOITE ali.

PELOS CIRCOS

CIRCO THEATRO DORBY — Benjamin de Oliveira, o popular artista, incansavel batalhador em prol da victoria do theatro no circo e um dos bons elementos do Circo-Theatro Dorby, armado a Avenida dos Democraticos, na estação de Olaria, realiza hoje o seu grandioso festival artistico, para cujo exito organizou mo-



Benjamin de Oliveira, que hoje realiza o seu festival

numental programma, que terá o concurso de toda a companhia e de varios outros collegas.

Alem de um acto de variedades subirá á scena a grande opereta "A greve num convento", com 30 numeros de deliciosa musica, rigoroso desempenho e numerosa comparsaria.

Dada a popularidade de Benjamin de Oliveira, é de esperar que as familias dos suburbios leopoldinense não faltem ao espectáculo, que deverá ser de todo atrahente.

Aos 108 anos de idade, ela dá
receita para prolongar a vida:

“Não beber, não fumar e
muito feijão com fubá”



Ainda lúcida, Vovó Bondade, que foi lavadeira do Marechal Floriano Peixoto, ainda trabalha para pagar o aluguel da casa

DUQUE DE CAXIAS (Sucursal) — Inteira-mente lúcida e feliz por ter chegado aos 108 anos de idade. Vovó Bondade — Maria Olímpio de Abreu — recebe diariamente grande número de pessoas em seu barracão da Rua Nabuco, 45. Vão todos em busca de seus rezas, pelas quais nada cobra, tanto que para pagar o aluguel da humilde residência, ainda encontra tempo para vender jornais velhos, que ganha nos escritórios dos edifícios de Duque de Caxias.

Conselho de Vovó Bondade para quem quiser viver mais de cem anos: não beber, não fumar, dormir bastante e comer muita carne e feijão com fubá. Quanto menos contrariedades, também, melhor para prolongar a vida.

Escravidão

Do tempo da escravidão, Vovó Bondade não tem muitas recordações. Diz apenas que sempre foi bem tratada pelos seus amos, mas que sua mãe sofreu muito como escrava, tendo sido bastante castigada por brancos impiedosos.

Sobre as figuras ilustres de sua mocidade, lembra-se de Washington Luís, Artur Bernardes e do Marechal Floriano Peixoto, de quem foi lavadeira durante muitos anos.

Casamento

Melhor recordação de sua vida: o dia em que, na Praça Mata Porco, conheceu o marido, Manoel Olímpio, numa festa com coreto, ban-

da de música e muitos bondes puxados a burro, todos enfeitados. No tempo de namoro, a maior distração dos dois era passear nos antigos bondinhos e nas praças da cidade. O artista mais famoso, na época, era Benjamim de Oliveira, que ela gostava muito de ver nas praças públicas e nos circos. Cantava músicas românticas, superlotando os recintos em que se apresentava, pois naquele tempo não havia rádio.

Rio Antigo

Sobre o Rio Antigo, lembra-se de que Copacabana era chamada Praia dos Pescadores, sem um prédio sequer, mas ponto preferido de encontro dos pescadores, com suas embarcações. Na infância, Vovó Bondade adorava ver os lampiões a gás e perdia horas vendo os funcionários percorrendo um por um «com suas lanças», iluminando a cidade. Durante muitos anos morou no Morro do Pinto, na época em que lá só residiam italianos, mas também passou longo tempo no Largo da Carioca, onde diz ter conhecido políticos famosos, que se reuniam na esquina da então Rua do Piolho com Latuários, esta a Gonçalves Dias de hoje.

Vovó Bondade, como é conhecida em Caxias, vive atualmente em companhia de um netinho, de 9 anos de idade. Ela nasceu a 28 de janeiro de 1863 na então Rua do Mata Porco, hoje Rua da Carioca, sendo filha de um casal de mineiros, que faleceu em 1877.

No grande circo do carnaval carioca

União dos Caçadores presta homenagem a antigo palhaço

Texto de Jota Efegê

PELA sexta vez os jovens cenógrafos Adir Botelho, David Ribeiro e Fernando Santoro têm a incumbência de ornamentar a cidade. Vão dar-lhe o ar festivo para um carnaval grandioso, condigno de seu renome de "melhor do mundo". Com o sugestivo tema *O Circo Vem Ai*, o trio venceu ainda esta vez o concurso realizado entre vários artistas para se atribuir tal encargo. Teremos, assim, nossa principal avenida (a Presidente Vargas), que os locutores chamam de "passarela" — por ser no asfalto de seu piso que se travam as competições entre as escolas de samba, ranchos, blocos, grupos de frevo e as tradicionais e centenárias "grandes sociedades" —, ornamentada com *clowns*, trapezistas, malabaristas e tóda a variedade dos elencos que atuam nos picadeiros. Vai, pois, o carioca sentir-se em pleno ambiente circense.

Tradição do circo

Os cenógrafos vitoriosos fixaram-se, louvavelmente, nos antigos e atuais artistas que, sob os pavilhões de lona, divertiram e divertem gerações. Vão fixar em painéis não só decorações alusivas ao tema de seu trabalho. De par com esses elementos ornamentais serão recordadas as figuras mais conhecidas de nossos picadeiros.

As tradicionais famílias: os Pery, os Olimecha, os Pantoja, os Cardona, os Temperani, os Demósthene, os Thereza, e tantas outras, serão evocadas. Terão também destaque os famosos palhaços Piolim, Arrelia, Chicharrão, Polidoro, Dudu e, logicamente, o muito conhecido Carequinha, que, à falta de um picadeiro autêntico de saibro ou terra batida, improvisa-o na televisão e nos parques de recreio dos colégios.

Será, portanto, nessa atmosfera de *tonys*, de *écuyères* equilibrando-se no dorso de dóceis cavalos festivamente ajaezados, sem ter esquecido os indispensáveis *pafaqueiros*, ou ca-



Fora do picadeiro, na elegância da época, o "palhaço negro" Benjamin de Oliveira

sacas-de-ferro (aquêles que enrolam, desenrolam tapetes e, quase sempre, removem as *inconveniências* das feras amestradas em suas exhibições) que os foliões viverão o carnaval.

Benjamin de Oliveira

Ainda este ano, um vitorioso rancho de Catumbi, o *União dos Caçadores*, presidido pelo veterano carnavalesco Caetano, resolveu homenagear Benjamin de Oliveira, "o palhaço negro", nome dos mais gloriosos de nossa história circense.

Fará da vida de Benjamin o seu enredo. O palhaço, que na sua fantasia de cores vivas, a casquinha enfeitada com reluzentes lantejoulas, cara embranquecida com polvilho, surgia no picadeiro e saudava o "respeitável público", será revivido à geração de agora.

Os antigos, os "coroas", a "velha guarda", aquêles que viram o negro Benjamin de Oliveira nas clássicas "entradas" circenses em que disputava esperte-

za com o excêntrico de roupas exageradamente largas, sapatões enormes e o indispensável bengalão retorcido, vão, forçosamente, recordá-lo. Lembrará o também tê-lo visto cantar ao violão as chulas que o *galinheiro*, a gente das *torrinhas*, a *companhava* num côro desafinado: "Arasta a saia mulata, / qu'eu te dou cinco mil réis. / Se arrastá direitinho, / em vez de cinco eu dou deis."

Vinham depois os aplausos com o circo em delírio e, reverente, em curvaturas seguidas, Benjamin agradecia para, no galope que a *charanga* atacava, sair correndo do picadeiro.

Símbolo do circo

Na época atual, da televisão, do teatro renegando as farsas de *equivocos*, as *pochades*, os *circos* raramente penetram no perímetro urbano das cidades. Dificilmente conseguem proporcionar à *gurizada* o espetáculo em que o palhaço dá saltos e nas apostas que faz com o *bacalhau* sempre o engana. É, portanto, mais do que oportuna, carinhosa e merecedora de louvores a evocação de Benjamin de Oliveira por um rancho carnavalesco.

Verdadeiro símbolo do circo, "o palhaço negro" que o rancho de Catumbi vai recordar em ambiente tão adequado como será o da decoração circense da Avenida Presidente Vargas, merece, e bem, tal homenagem.

Os sucessores de Benjamin de Oliveira, os palhaços desconhecidos que em precaríssimos circos suburbanos e dos pequenos povoados ainda insistem em manter viva a tradição circense herdada dos pioneiros hão, por certo, de se mostrar reconhecidos a esse rancho.

Deve-se, pois, aplaudir, e muito, o *União dos Caçadores* durante o seu desfile pelo circo a ser montado em nossa principal avenida quando estará glorificando Benjamin de Oliveira, verdadeira tradição do circo no Brasil.

NEGRO BENJAMIM — CRISTO NEGRO

Leão de Jesus

Quem foi Benjamim de Oliveira? Caisse, porventura, esta pergunta em teste submetido a um grupo de cem jovens cariocas e cem indivíduos situados na casa dos cinquenta anos de idade, ou além, todos escolhidos ao acaso, residentes no Estado da Guanabara, e ter-se-ia, no cômputo global dos dados, uma centena de provas com as respostas em branco, alusivas ao item, e outras declaradas pela velha guarda, obedecendo em média à linha da seguinte definição:

— Benjamim de Oliveira foi o mais popular dos atores brasileiros, que atuou em circos, na antiga capital do nosso País, durante as décadas de vinte e trinta deste século.

Sem dúvida, esta seria a melhor forma de focalizá-lo na galáxia de tantos outros astros da ribalta, fulgurantes, também, no céu delimitado que marcou a sua época. Assim, eu me perfilaria entre os que dessa maneira se expressassem levando, contudo, a vantagem de poder corroborar a válida conceituação, trazendo o endosso de um fato verídico, que tive o privilégio de testemunhar e que se deveria perpetuar como a representação mais significativa em toda a trajetória de sua brilhante carreira.

A lembrança desse episódio, ao ser evocada por mim, ainda hoje me sensibiliza com o mesmo fluxo de emotividade, tal e qual se estivesse presenciando o extraordinário Benjamim de Oliveira, em carne e osso, a viver o difícil papel de Jesus Cristo, na inolvidável Semana Santa, por volta de 1933 a 1934, para ser mais preciso — num pavilhão do empresário Spinelli, — instalado na esquina da Rua Colúmbia com Rua Goiás, defronte à Estação de Quintino Bocaiúva.

Entretanto, é necessário que se inclua neste arrazoado de reminiscência, ser o circo uma das poucas atrações recreativas do povo, muito preferida mais e mais ainda nos arrabaldes interiorizados.

A par dessa prioridade que concorria para os êxitos quase que absolutos de bilheteria, contava-se, também, com o interesse redobrado de um público espetacular de formação religiosa ingênua e casta, sem as gritantes e as avançadas deturpações de hoje, ávido, por conseguinte, para assistir às representações teatrais de enredos sacros, conforme a tragédia que se apregoava. E a prova inofensível disso evidenciava-se com a casa superlotada como poderia ser visto naquela inesquecível sessão noturna.

Segundo costume da época, os espetáculos circenses dividiam-se em duas partes bem distintas, o que se verifica, às vezes, ainda em dias atuais nos raríssimos e remanescentes parques de diversão desse gênero. A primeira parte dedica-se aos números variados, isto é, às exibições constituídas de malabarismo, magia, cenas burlescas, faquirismo, e a grande atração, mormente para os petizes, levada a efeito com as proezas de animais amestrados.

Após a seqüência deste roteiro cheio de surpresas agradáveis — não faltando nunca nos momentos precisos a atuação da provinciana banda de música com os seus estridentes dobrados e faceiros maxixes — havia o intervalo de cerca de um quarto de hora. Este tempo era destinado à merenda, saboreada conforme a situação econômica dos frequentadores, desde o café, conservado quentinho em garrafas térmicas, os sanduíches de mortadela, as fatias de bolos — matula trazida de casa — até aos cheirosos cachorros quentes, pastelões, empadas, croquetes à venda em barraquinhas circunconsumidos a bons preços e expostos à venda em barraquinhas circunscritas, nas adjacências.

Intercalando tais evasivas para regalo dos estômagos, os pataueiros, envergando uniformes de cores berantes, de golas altas, alamares e botões dourados, agindo como autômatos, preparavam, no picadeiro, a montagem de cenários grotescos, re-

lacionados à peça em cartaz e que viria de constituir o ponto alto da segunda e derradeira etapa da noitada.

Pois bem, já se havia saído dos momentos reservados à refeição frugal e já se assistira aos dois primeiros atos de O MARTIR DO CALVÁRIO, lances teatrais em apreço perturbados quase que «in totum» por vento impetuoso, sibilante, contínuo a enfunar a lona que cobria o circo, este, à guisa de velho brigue, encailhado sobre areia.

Desenrolavam-se na seqüência do espetáculo, os primeiros movimentos da última cena, quando, coincidindo com a procela sonoplastificada mediante vibrações de lâminas metálicas, seguidas de rufos surdos de tambores, imitando coriscos e trovões, desabou o aguaceiro das pesadas nuvens de nimbo, invadindo logo a imensa lona esburacada e atingindo os que abaixo dela se abrigavam.

A verdade é que ninguém conseguiu livrar-se da tromba d'água, e o banho foi em regra.

Logo, formaram-se inúmeras poças no chão argiloso, dando a nítida imagem de se estar em meio a um brejo, onde, sem exceção, chafurdavam-se os que lá se encontravam.

Nesse interim, parte da assistência composta de um povilão que se havia deslocado das arquibancadas gerais, mais conhecidas pelo nome de «poleiros», invadiu a área restrita à classe aristocrática, usuária dos camarotes especiais e das filas de cadeiras numeradas, com capas coloridas.

O magote de gente, convém que fique bem claro aqui, ordeiro, atraído pelo desempenho surpreendente e ininterrupto dos atores, assim buscava melhores posições, chegando a ocupar o espaço, no centro do circo, limitado ao elenco em ação.

Subitamente, porém, partindo da mesma platéia sequiosa apenas por não perder uma palavra, um gesto sequer dos figurantes, ouviu-se a primeira ameaça de grossa vaia, com efeito, instigada por alguns baderneiros contumazes, desgraçadamente, nela infiltrados.

Durante quase dez minutos consecutivos a galhofa, grasada histérica e epidemicamente, contagiou a todos os espectadores, os quais passaram a rir, a bom rir, da farsa promovida pela chuva que transfigurava cenários, colava as vestimentas exóticas nos corpos dos simulados apóstolos, dos guardas prototianos, de Madalena, de Verônica, de Cirineu, da Virgem Santíssima, do imaculado Rabino da Galiléia, e borrava ou dissolvia de vez todas as tintas aplicadas nas maquilagens de seus rostos.

Dir-se-ia haver nisso tudo a materialização de excelente charge; a evidência de oportunidade sui generis para se vislumbrar o jocoso espontâneo, abstraído de algo muito sério, mercê das formas caricatas e negativas apresentadas pelos intérpretes do grupo cênico, sobretudo pelo personagem central, lavado totalmente do alvaiade que lhe tingia a epiderme desnuda, um negro retinto, de beicola avantajada, ostentando diadema de espinhos, metido em barba e cabeleira postiças, fartas, em traje ridicularizados pela intempérie, a ditar, com voz enternecedora, coisas transcendentais de beleza poética e elevado espírito filosófico, na caracterização do legítimo Cristo!

A turba, com resquílios hediondos da mesma casta de há dois mil anos, agravada pela sanha demoníaca, pestilenta e pegativa, não satisfeita com os aviltantes apupos, os impropérios, os arremessos de pelotas de lama dirigidas preferentemente à face do protagonista, atingiu o ápice da judiaria estraçalhando-lhe a túnica enopada que trajava, deixando-o só com mísero calção de zuarê.

A figura daquele homem alto, seminu, crioulo, alquebrado, meio idoso, já agora totalmente sem disfarces, com a carapinha embranquecida à mostra, e a caminho do Calvário conduzindo sobre os ombros o ma-

deiro onde deveria ser imolado para a salvação da Humanidade, era por demais paradoxal à estrutura corpórea, esbelta, longilínea, diáfana, alvinente, do verdadeiro enviado por Deus, no fundo evangélico a que já nos habituamos a concebê-lo, mediante os artificios da intuição!

Estava preservado a mim, além do mais, reviver, entre o desenrolar desse mero quadro teatral, a conscientização de fugaz imagem correlata ao hipotético e discutido detorno do Redentor ao nosso pobre mundo tão material e cruel, tão cheio ainda de perversos e perversões!

O Messias, naquela nova aparência de réprobo, havia tomado ares de velho escravo negro, guindado ao pelourinho.

A transfiguração

Foi aí que surgiu o imprevisível.

A partir desse momento exato, o espetáculo ganhara dimensões de grandeza esplendorosa e fora do comum.

A superioridade da alma artística — o gênio tocado por fluidos celestiais — revelara-a, então, Benjamim de Oliveira, diante da fúria cega e doentia dos algozes terríveis, não dos coadjuvantes que a seu lado — profissionais como ele — buscavam apenas imitar os fariseus de outras eras, mas daqueles que, a grosso modo, constituíam o auditório e se deixaram dominar pela volúpia iníqua.

Com a postura humilíssima de beatificado; possuído de qualquer coisa assim de luminosidade comportamental tão magnificente quão extraterrena, já bem antes do epílogo da longa e árdua caminhada para o Gólgota, havia o grande ator negro, com a serenidade e a segurança marcantes de seu desempenho, reprimido os impulsos mordazes dos inopinados verdugos.

Operara-se um milagre — tentaria explicar alguém cheio de fé cristã... Ocorreria questão apenas de psicologia das massas — poderiam postular muitos... O que houve foi somente uma prova a mais da comunicação — acatariam essa forma prosélitos da retórica aristoteliana...

Fosse lá o que fosse, o certo é que Benjamim de Oliveira, histrião na maioria das vezes, nos picadeiros de circos; dramático, num sem-número de peças, que ainda hoje permanecem em evidência, deixou para a posteridade sua marca de grandioso intérprete, levando os espectadores, naquela memorável representação, aos seus devidos lugares, mantendo-os como que sob doce magnetismo, emudecidos, os olhos banhados em lágrimas, circunspetos, em atitude respeitosa, para receber dos mesmos, ao final, os aplausos mais entusiásticos, mais vibrantes, a consagração apoteótica de maior amplitude jamais prestada a outros artistas, nas mesmas condições, em circos armados sobre a face da Terra.

Sem resposta

Quem foi Benjamim de Oliveira?

A pergunta permanecerá sem resposta por muito e muito tempo se continuar a ser endereçada às novas gerações. Apenas um pequeno grupo, como foi dito acima, — assim mesmo já no declínio da vida, prestes a desaparecer de todo — guarda na lembrança alguns traços de sua personalidade. Para que não pereça de vez no esquecimento, o que seria uma ingratidão inominável, posto que Benjamim de Oliveira abraçara a arte cênica com profundo amor, «construindo-a com eternas pedras da verdade», cumpre aos seus amigos, contemporâneos de labuta, principalmente, tomarem a peito a iniciativa de uma grita geral no sentido de, pelo menos, consagrar-lhe o nome a uma de nossas casas de espetáculo, ou a uma rua de nossa querida Cidade-Estado, onde ele propiciara a tantos os melhores entreterimentos...

Pois, em verdade, a sua estátua em granito é que deveria mesmo estar erguida, de há muito, no Passeio Público...

O 80º aniversário de palhaço famoso

Benjamin de Oliveira recebeu significativa manifestação dos artistas de circo e teatro

O Congresso concedeu há algum tempo uma pensão a um dos nossos mais queridos artistas populares. O ato das duas casas do Legislativo teve a mais simpática repercussão porque se ia afinal prestar o amparo oficial a uma figura que dedicara a vida inteira à arte e, sem fortuna, via chegar a velhice. Trata-se de Benjamin de Oliveira, o palhaço que fez rir a última e a atual geração. Durante anos a fio vivera para alegrar os tristes e, em seus trajes barulhentos, coberto de guizos — os guizos que caracterizam todos os palhaços — percorrerá vários Estados da Federação, até se tornar conhecido em todo o país.

Inconfundível em seus recursos, Benjamin de Oliveira criou uma auréola em torno de seu nome. Entretanto, foi no Rio que teve o garoto de Pará de Minas, suas maiores interpretações. Trabalhou em dezenas de circos. Num deles, o "Dorby", ligou sua vida por espaço de 14 anos. Sua existência foi cheia de vitórias e fracassos. Conheceu as palmas e as decepções. Benjamin de Oliveira não foi palhaço apenas. Também foi ator, e representou muitas vezes, obtendo as mesmas ruidosas consagrações. Artista popu-

lar, viu chegar a velhice, em desamparo e desencanto. Foi então que o Congresso, em gesto inédito, votou uma lei que manda conceder a Benjamin de Oliveira uma pensão. O palhaço ia receber o amparo oficial.

Ontem, Benjamin de Oliveira viu transcorrer seu 80.º aniversário. Agora, conforme ele próprio frisou, procura com uma lanterna quem o faça rir, depois de haver feito rir a tanta gente.

Naquela data, em sua residência, em Terra Nova, o palhaço recebeu seus amigos, artistas e admiradores. Cercado do carinho dos seus filhos e netos, Benjamin de Oliveira, reavivou recordações da vida dos circos. Um pormenor chegou a arrancar lágrimas do palhaço. Foi quando, ao partir o bolo de aniversário, modelado em forma de Circo, os presentes disseram:

— Hoje tem espetáculo?

— Tem, sim senhor.

— Hoje tem marmelada?

— Tem, sim senhor.

— E quem é o palhaço?

— Benjamin de Oliveira...

Era assim que, nas noites de espetáculo se apregoava nas ruas que Benjamin de Oliveira iria atuar.

Benjamin de Oliveira vive agora de saudades e de recordações. Falando ao jornalista, disse que se tivesse de se vingar de um inimigo, desejar-lhe-ia, apenas, que tivesse saudades.

Três noites seguidas Cristo foi crucificado no Campo de Santana

Texto de Jota Efegê

Hoje, nesta nossa ex-Guanabara, que era, a um só tempo, capital e Estado, as comemorações da Semana Santa têm, todas, apenas cunho estritamente religioso. No entanto, nos primeiros decênios do presente século, juntavam-se a elas, não só as de caráter nitidamente folclórico — que continuam nas regiões interioranas — mas, também, as que, embora profanas, refletiam o sentimento cristão dos que as realizavam e dos que as assistiam, dando-lhes sempre o devido respeito.

Uma dessas comemorações profanas, ainda que respeitadas, consistia na apresentação de *O Martírio do Calvário*, "peça sacra em 5 (cinco) atos e 16 quadros" de autoria do escritor português Eduardo Garrido. Nesse drama, todo em versos de rimas fluentes, reconstituía-se no palco, com mutações cênicas condicionadas a cada quadro, o martirologio de Jesus Cristo. Tudo vivido com personagens da melhor fidelidade possível e tendo como pontos altos a crucificação e a ressurreição em que a subida de Cristo ao céu (logicamente que por meio de cordas) empolgava e provocava francos aplausos.

Um judas negro

A encenação de *O Martírio do Calvário* era, naqueles tempos em referência, o espetáculo apresentado na maioria (talvez a totalidade) dos teatros. Até os circos e pavilhões, mesmo os mais modestos, interrompendo seus costumeiros números cômicos de palhaços e arrojadas acrobacias, levavam a efeito no picadeiro a representação da peça do escritor Garrido. Isto, evidentemente, de maneira precária e nos desacertos que provocando risadas iam fortalecendo um enorme anedotário do qual nos dá boa conta o professor Olavo de Barros em seus livros *Mambembadas* e *O Teatro Visto Por Dentro e Por Fora*.

Assim, tomando-se para pronto exemplo o ano de 1932, tinha-se no Teatro Recreio o ator Jesús Ruas encarnando o Cristo e a atriz Amélia de Oliveira figurando a Virgem Maria. No Teatro República era Jorge Diniz quem fazia Jesús e Itália Fausta desempenhava o papel de Virgem Maria. Havia, ainda, Vicente Celestino interpretan-

do o Cristo no Teatro Margarida Max, na Piedade. E, no Democrata Circo, Abel Dourado e Lily Barbosa apresentavam-se nos papéis de Cristo e Virgem Maria. Mas, no Circo-Teatro Dorby, armado na rua São Luís Gonzaga, o ator Euclides Monteiro personificava o Cristo e o famoso palhaço negro Benjamin de Oliveira escondia sua cor debaixo de grossa camada de pó-de-arroz (diziam que era farinha-de-trigo) e aparecia no personagem de Judas Iscariote.

Crucificado no Campo de Santana

Na competição que as muitas encenações de *O Martírio do Calvário* provocavam teve-se nesse citado ano de 1932 uma que a publicidade prévia de sua apresentação encarecia o desempenho de "o maior e melhor conjunto artístico do Brasil!". Fator de notória importância que, afora as interpretações do ator J. Figueiredo no papel de Cristo e Lucília Peres no de Virgem Maria, era acrescido da participação do maestro Francisco Braga regendo "numerosa orquestra de 80 professores". Uma realização, portanto, capaz de suplantar todas as outras e de atrair um público numeroso como, certamente, desejavam seus promotores.

Espectáculo de tais proporções, com grande comparsaria de "soldados romanos e guardas pretorianos a cavalo", teve como local escolhido para ser levado a efeito o Campo de Santana, o que aconteceu nas noites de 23, 24 e 25 de março, respectivamente, quarta, quinta e sexta-feira santas. Então, ao ar livre, e perante numerosa assistência que acorreu às representações, Jesús Cristo figurado pelo popular ator de teatro de revistas, o português José Figueiredo, de acentuada pronúncia lusa, foi crucificado, três noites seguidas, com o melhor realismo possível, tendo as mãos e os pés pregados com fortes batidas de martelo para bem convencer a platéia.

Martírio que acontecia com Lucília Peres bem integrada no papel de Virgem Maria chorando copiosamente e, acompanhando-a, lenços nas mãos, olhos com lágrimas, todos os espectadores compungidos e revoltados com a "malvadeza que estavam fazendo com Nosso Senhor..."

Catulo da Paixão Cearense

Suas modinhas sobrevivem na música de Chico e Caetano

Rui Barbosa — que chorou na primeira audição de "Luar do Sertão" — chamou Catulo de "maravilhoso poeta"



Hoje é o "show", o espetáculo. A guitarra elétrica substitui os violões (sem desprezá-los, muitas vezes). O disco é melhor que as serestas. Gilberto Gil, Chico e Caetano Veloso são as estrelas máximas de uma música popular que a cada dia se renova. Mas, em tudo isso, o passado conta: seja na realidade recente da bossa-nova ou na mais remota, do fox-trote, da valsa, da modinha ou do baião. É aí que se insere a maior herança de Catulo, um

dos primeiros cantores do povo exausto das operetas importadas da Itália que enchiam de sons os salões ociosos do início da República. Catulo da Paixão Cearense, um nome nem sempre lembrado — mas vivo, no compasso, de repente singelo, dos primeiros Chico Buarque de Holanda, onde a linguagem se depura ("Lua Cheia", por exemplo) mas sem deixar de conservar, transformada, a sonoridade do passado musical brasileiro.

Catulo, nascido em oito de outubro de 1863, em São Luís do Maranhão, este grande cultor das modinhas e autor de versos populares, viveria quase metade do século atual, vindo a falecer no Rio de Janeiro, em dez de maio de 1946.

Em vida, colhia as glórias de uma carreira brilhante, com o sucesso lhe subindo à cabeça, muitas vezes, como atesta Luis da Câmara Cascudo, na recente edição da Ferraite, do livro

"Modinhas", de Catulo, organizado por Guimarães Martins. Entretanto, a empáfia de Catulo, que chegou a se auto-intitular o **Papa dos Cantores**, não invalida a sua obra, reflexo exato e sem nuanças de uma fase de nossa música.

Para precisarmos, com exatidão, o lugar ocupado por Catulo da Paixão Cearense em nossas letras musicais, é necessário, primeiro, que se trace um rápido histórico da modinha, para

uma maior compreensão do papel renovador desempenhado pelo trovador maranhense dentro do gênero.

Canção essencialmente aristocrática, para muitos de origem portuguesa, a modinha chegou até nós no século XVIII, com Dona Mariana e Coelho Pires constituindo-se nos seus mais destacados compositores. No I Império, ela é a coqueluche dos salões, em sabor altamente erudito, tendo no próprio Dom Pedro I um de seus melhores admiradores, acompanhando-as, ao piano, nos saras de São Cristóvão. Ainda no II Império ela conserva o seu timbre lusitano ou se liga aos **arcades**, de Minas Gerais, sempre erudita, até ganhar progressiva vulgarização. O piano é substituído pelo violão e o gênero começa a ganhar as ruas, numa das primeiras manifestações da chamada **seresta** brasileira.

É neste momento que a figura de Catulo da Paixão Cearense aparece, para dar a modinha nova vida, pois, quando a redescobrir, ela já se encontrava em franca decadência, cultivada, aqui ou ali, por obscuros músicos.

Anacleto Medeiros, Irineu de Almeida e Pedro Alcântara são os seus principais colaboradores musicais, notadamente nas modinhas, as quais, pouco tempo depois de divulgadas, tinham lugar certo no gosto do povo que as cantava em todos os recantos do Brasil.

Diante de tanto sucesso e coberto de elogios, Catulo não escondia o seu orgulho, passeando, em todos lugares, uma desmedida vaidade, que talvez o tenha desgastado muito aos olhos das gerações mais novas, ao lado do natural esquecimento que sofreu o gênero trabalhado pelo trovador.

Até mesmo Salvador Rueda, considerado, em seu tempo, um dos mais "extraordinários poetas espanhóis", foi ter com Catulo, no Engenho de Dentro, e, segundo testemunho de Carlos Maul, "ouve extasiado as modinhas, valsas e outras canções" do letrista brasileiro. Era a glória completa, a que ele não se furtava, a ponto de, em versos dedicados a Satyro Bilhar, um de seus parceiros, considerar-se, a si próprio: "eu — o Papa dos Cantores/ e tu — o Rei dos Violões".

vra se conjuga às rimas, em surpreendente simplicidade:

*Sestrosa,
dengosa,
derricosa,
odcrosa
flor!...
Maldosa,
formosa
sertaneja,
meu lindo amor!*

Já uma outra face do poeta, épica e superficial, transparece no poema "A Liberdade", publicado em 1930, em O GLOBO, saudando a Revolução vitoriosa.

*Poetas, músicos, pintores!
soldados e trovadores!
Filhos do sul e do norte,
de alma forte e peito
forte!
país e filhos de leões!
Cantemos um hino à
glória,
vamos saudar a vitória,
que a liberdade saudando,
os Pampas estão cantando,
abraçados com os sertões!*

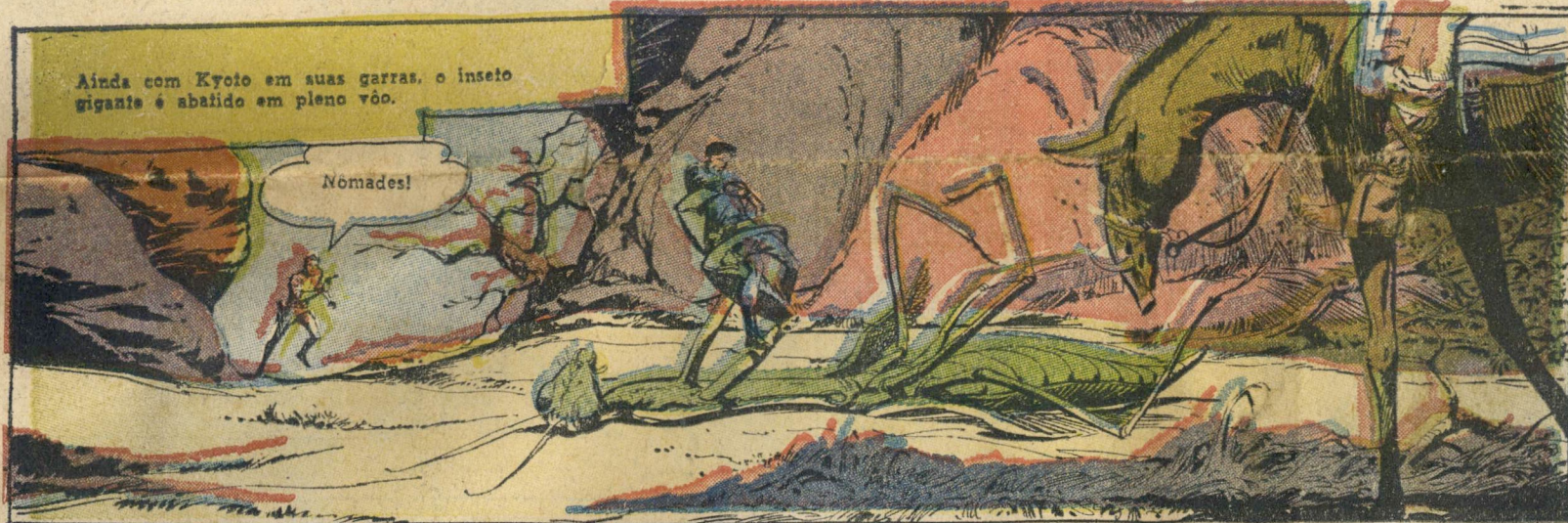
Também a canção "Luar do Sertão", a página mais

FLASH GORDON

DAN BARRY

Ainda com Kyoto em suas garras, o inseto gigante é abatido em pleno vôo.





Ainda com Kyoto em suas garras, o inseto gigante é abatido em pleno voo.

Nomades!



Amigo Flash! Ainda bem que meu grupo de caça veio nesta direção!

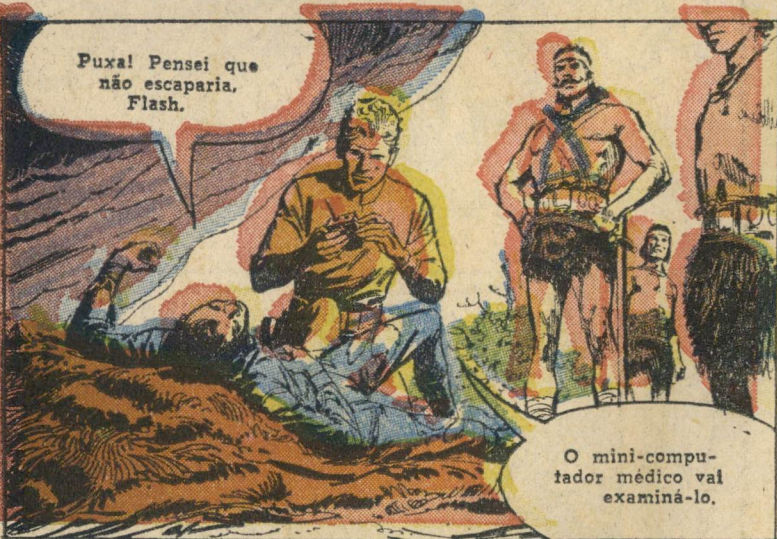
VOLTARI!



Que tipo de animais você trouxe para meu planeta? Não é fácil caçá-los!

Calma, Kyoto! Não se mexa!

© King Features Syndicate, Inc., 1971. World rights reserved.



Puxa! Pensei que não escaparia, Flash.

O mini-computador médico vai examiná-lo.



Esses animais resultaram de um acidente ocorrido a bordo da nave.

E não poderíamos ir embora sem antes destruí-los!

Não é fácil caçá-los, mas estamos matando todos.



Olhel!

Um "hovercraft" da cosmonave!

Fomos localizados!



Deixe os animais por minha conta, Flash. É um bom exercício para meus homens!

Mas voltará um dia desses, hem?

Claro, Voltar.

este jornal é impresso com

TINTAS Cordovil

um produto da MULTICOR TINTAS S/A

TELS: 230 4661 - CETEL 91-2050

A glória em vida

Cultivando dezenas de amigos, os quais reunia, todos os domingos, em seu então famoso **Palácio Choupanal**, ampla casa onde vivia, no Engenho de Dentro, Catulo provou, em vida, todas as glórias, inaugurando o seu próprio busto nos jardins do ex-Senado Federal (atual Praça Mahatma Ghandi) ou recebendo, por carta, o elogio oficial de Rui Barbosa, então Conselheiro, que o qualifica, entre outras coisas, de "maravilhoso poeta".

Catulo reavaliado

A parte os exageros de seus admiradores, na maioria íntimos frequentadores do **Palácio Choupanal**, a obra de Catulo da Paixão Cearense está merecendo uma oportuna reavaliação, principalmente onde o seu talento melhor trabalhou a língua, em pleno parnasianismo, com Hermes Fontes e Olavo Bilac enchendo de brilho os salões.

Como exemplo disso, podemos lembrar "Nené" tango brasileiro de Ernesto Nazareth que, no arranjo-adaptação de Catulo, recebe o nome de "Sertaneja", sem dúvida um dos pontos altos da criação do poeta, dado a singeleza e liberdade dos versos, onde a pala-



Com o violão, acompanhando os versos despojados: "E a lua sobe... / E o sangue muda / em claridade..."

E neste momento que a figura de Catulo da Paixão Cearense aparece, para dar a modinha nova vida, pois, quando a redescobrir, ela já se encontrava em franca decadência, cultivada, aqui ou ali, por obscuros músicos. Além disso, Catulo passa a exigí-la, mesmo nas operas ou operetas escritas por ele, na época, nos tons de uma língua "brasileira" que evocava, inclusive, a fala do nosso matuto nordestino.

Ele é praticamente o inventor da modinha tal como a conhecemos, dando-nos, a par de uma centena de versos que a história se encarregou de esquecer, algumas verdadeiras obras-primas do gênero como "Ao Luar" ou "Luar do Sertão" — esta sendo uma das preferidas de Rui Barbosa, que se comoveu às lágrimas em sua primeira audição.

leiro. Era a glória completa, a que ele não se furtava, a ponto de, em versos dedicados a Satyro Bilhar, um de seus parceiros, considerar-se, a si próprio: "eu — o Papa dos Cantores / e tu — o Rei dos Violões". Também em outros poemas, jornalista polêmico e combativo, não resistiu a Catulo, qualificando-o de "mistral caboclo", ao mesmo tempo em que Humberto de Campos, repetidas vezes, descia de seu pedestal, para honrá-lo com poucos rigorosos elogios: "é o nosso Homero" que, "com mestria, surpreendeu os aspectos heróicos da psicologia do sertanejo".

do, os Pampas estão cantando, abraçados com os sertões!

Também a canção "Luar do Sertão", a página mais famosa do trabalho maravilhoso de Catulo, com versos cujo poético, mento poucas vezes temia ultrapassado por cultores do mesmo gênero, em nossa música popular:

"Quando vermelha, no sertão, desponta a lua, dentro d'alma onde flutua, também rubra, nasce a dor! E a lua sobe... E o sangue muda em claridade!... E a nossa dor muda em saudade... branca... assim... da mesma cor!!!"

Se a modinha renasceu com Catulo, no começo da República, e foi lentamente, sendo esquecida, depois de sua morte, em 1946, importa que as gerações mais novas reconheçam, ao menos, que é nela que o melhor dos nossos violões elétricos vão buscar, em notas de pura musicalidade brasileira, a sua maior — força consciente ou inconscientemente —, como acontece em "Clarice", de Caetano Veloso. Para ficar só num exemplo.

Receitas de vatapá têm música e poesia

Texto de Jota Efeê

Assim como os pratos requintados, obras-primas de famosos mestres-cucas, tiveram glorificação pelos gourmets, ou gourmands, estes na exegese diferencial que os entendidos lhes dão. Também os pratos triviais, os pratos gostosos, as petisqueiras, os pratos típicos, mereceram louvores de quantos os saborearam. Não apenas pantagruelicamente, mas degustando-os serenamente, apreciando o paladar. Não se esquecendo, é claro, os pratos que ficaram consagrados com denominações às quais juntaram os nomes das personalidades que os elegeram na preferência. Chateaubriand, Rossini, e até um nosso patricio, o diplomata Leão Velloso, têm os seus nomes apostos a pratos que, sempre, ou quase sempre, gostavam que lhes servissem.

A par dessas comidas exaltadas em tratados de culinária, e das que foram dignificadas com nomes de personagens importantes, existem outras, simples na sua trivialidade, que foram valorizadas unicamente pela mão, pela arte de quem as prepararam, e passaram a ser representativas de países, de Estados e de regiões. No Brasil isto é facilmente constatado bastando, para rápido exemplo, a alusão ao churrasco, ao viradinho paulista, à seca à mineira. Não se incluiu a feijoada porque essa tem sentido nacional. Daí terem-se crismado, aqui e lá fora, como feijoada brasileira.

No cancionero popular

Prato típico da Bahia, condimentado quente (com bastante pimenta) ou frio (parcialmente apimentado), na designação que os da terra usam, o vatapá não é apenas comida representativa da boa-terra, como comumente é catalogado nos compêndios dos entendidos na arte da culinária. Afora isso, e talvez principalmente, o vatapá, ao mesmo tempo que é — diga-se assim — um símbolo da cozinha baiana, uma petisqueira da terra de Rui Barbosa e Castro Alves, serviu de mote, sugeriu dois bulicosos sambinhas. Lançados em épocas diversas, um deles em 1906, e o outro provavelmente em 1942, têm como autores, respectivamente, Paulino Sacramento e Dorival Caymmi.

Mas, ao acaso, e não resultante de propositada pesquisa, encontrou-se, ainda que em linhas gerais de simples citação, ter havido antes das datas acima um outro compositor patricio que, em



Paulino Sacramento, em 1906, ensinou a fazer vatapá

1903, fez do vatapá, quando não um samba, pelo menos uma composição brejeira. A composição, ao que tudo indica um lundu, tinha o nome de **Vatapá da Bahia**, e embora o matutino onde foi publicada a notícia não tenha consignado a autoria, informou que quem cantava seus versos era, nada mais, nada menos, que a famosíssima Suzanne Castera. Adiantando o mesmo jornal que a célebre artista francesa, na sua interpretação, "provocava risos e aplausos".

Sacramento e Caymmi

ensinam

Ignorando-se a letra de o **Vatapá da Bahia** com que a chanteuse Suzanne Castera "provocava risos e aplausos" interpretando-o no palco do Casino, da Rua do Passeio (onde hoje está o Cinema Palácio), tem-se, na suposição intuitiva, que os versos eram humorísticos e a intérprete lhes dava o exato sentido ganhando merecidas palmas. Não seria, talvez, uma receita, uma lição ensinando a feitura do gostoso prato típico da Bahia. A receita, o como preparar o vatapá, deu-a, primeiro, Paulino Sacramento, que musicou a revista de João Phoca (Baptista Coelho) e D. Xiquete (Bastos Tigre), intitulada **O Maxixe** e estreada em 1906 no Teatro Carlos Gomes. Anos

depois, 1942, Dorival Caymmi, que denominara sua composição de "samba-receita", e foi ele próprio o intérprete, em disco da gravadora Columbia, voltava a ensinar o preparo do vatapá.

Paulino Sacramento começa dizendo: "O vatapá, / comida rara, / é assim, iáíá, / que se prepara." Passa, então, à lição: "Você limpa a panela bem limpa, / quando o peixe lá dentro já está, / bota o leite de coco, o gengibre, / a pimenta da Costa e o fubá. / O camarão torrado se junta / ao depois da cabeça tirada...". Nessa receita descritiva a atriz Risoleta, no reboleio que fazia ao ritmo da música, ensinava, cantando, o preparo do prato típico baiano. No mesmo propósito, Dorival Caymmi, dedilhando o violão, lecionou a feitura da petisqueira de sua terra: "Quem quiser vatapá, que procure fazer: / primeiro o fubá, depois o dendê, / ... bote castanha de caju, / ... bote pimenta malagueta, / ... amendoim, camarão, rala um coco, / ... sal com gengibre e cebola, / na hora de temperar...".

Culinária versejada e musicada

Prato típico da Bahia, bastante conhecido na terra, no país de origem e na estranja, o vatapá dispensou os tratados de culinária para ministrar a lição de como deve ser preparado. Dois compositores patricios — e arrolando-se o interpretado pela chanteuse Suzanne Castera —, três fizeram do vatapá alegres canções. Paulino e Caymmi ao jeito de receita, indicaram os ingredientes, a condimentação, pondo os cucas aptos a testarem a lição.

Pratos fidalgos, pitéus de categoria, comidas louvadas e com citação de destaque nos métodos e tratados de cozinha, todos buscaram no estrangeirismo de suas denominações e na importância das personagens que a eles juntaram os nomes, a glorificação. O vatapá, "comida rara", na qualificação de Sacramento, ou comida que "com qualquer dez mil réis, e uma nega" pode ser feita, dispensou os livros, os compêndios. Como também, certamente, já o fazia em rimas espontâneas, condicionadas a ritmo brejeiro, a canção com que a Castera, em 1903, provocava risos e palmas, no velho Casino da Rua do Passeio Público.



Dorival Caymmi, em 1942, também deu receita de vatapá que Vinicius aproveitou



Benjamim de Oliveira

O amável leitor Enéias França, de Ipanema, não conseguiu dados de Benjamim de Oliveira e o CANTINHO DA CANÇÃO responde nesta coluna com os seguintes detalhes.

A 11 de junho de 1870, em Pará de Minas, filho de escravos, nasceu Benjamim de Oliveira. Sua mãe, Leandra e o pai Malachias, seu nome registrado com a letra de k. A profissão do pai popularizou-se em Minas como amansador de cavalos e burros. Sua mãe fazia «pés-de-moleque» e o filho os vendia pelas ruas. Com 12 anos o menino tornou-se guia dos peões das regiões. Em certo dia um fato pouco comum agitou a cidade, pois ali chegou um circo, o Circo Sotero, com atrações novas para o povo, com palhaços, malabaristas e artistas equestres. Sem entrar no circo, de fora vendendo os doces, ouvindo o tropel dos cavalos e ao saber de um prêmio de quem montasse sem cair de um potro bravo indomável. Benedito apresentou-se e venceu, sendo muito aplaudido. Assim ingressou no circo atuando em outras companhias e trabalhando nos trapézios, nas barras, equilibrando-se nos arames e dando saltos mortais. Com um velho violão sem cordas que obteve, iniciou a tocar o instrumento solando com uma só corda e com sua mão esquerda, sendo canhoto. Assim compôs sua primeira música, o lundu, que durante anos cantava com quadrinhas de improviso com o título de PÔMADA COM SABÃO e que o palhaço considerou seu maior repertório:

**Ai, tutu,
Tutu com feijão,
Tutu com farinha
É muito bão.**

Além de cenas nos seus circos representava e cantava. Em certa ocasião, na cidade de Amparo, de São Paulo, o prefeito realizou um baile, sendo convidada a banda do circo em que Benjamim de Oliveira viu-se obrigado a cantar números conhecidos, entre eles o maxixe SÃO PAULO FUTURO, da autoria de Fernando Lobo (Marcelo Tupinambá) e Danton Vampré pelo sucesso da peça do mesmo título que se encenava na capital:

**Vem morena para o teu furrié,
Tu não tem pena do teu Mané,
Eu te espero gemendo de dô
E desespero sem o teu amô**

**Ai vem, meu bem,
Tu já deu teu coração
Ai tu não vem
Pois eu morro de paixão.**

Na fase em que Benjamim de Oliveira dirigia o Democrata Circo-Teatro, no Rio, montou o drama lírico «Os Pescadores» e depois a revista «A Mulata do Xodó», libreto de Francisco Guimarães, o «Vagalume», com a melodia do palhaço que teve grande popularidade durante anos:

**A mulata da minha terra
É pior do que pimenta,
Se a mulata tem xodó
Não é qualquer,
Qualquer um que agüenta.**

**Mulata cor de jambo,
Mulata do xodó,
Vem ver como eu sambo
No passo do jocotó.**

No circo, Benjamim montou a opereta «A Ilha das Maravilhas» com várias melodias e a principal sua valsa «Albatrós», figurando um monstro marinho cantando seus versos e ao final da peça, encarnando-se como um jovem príncipe. No Circo Spineli, o padhaço representou integralmente a opereta «Viúva Alegre», o maior sucesso no Rio de Janeiro. Contratou o cenógrafo Eugenio Bandeira e o guarda-roupa de Mme. Genoveva Meteoti. O picadeiro assoalhado e encerado e com números de baile. Nos principais papéis, Kaumer Peri, como Camilo de Rossilon; Lili Cardona, tia de Oscarito, Ana de Glavari; Enquanto Ferreira, Barão de Cascador e como o Conde Danilo o Baiano da Casa Edison, somente cantor mas sendo obrigado a aprender, com um professor os passos da valsa para que também dançasse nas cenas da opereta.

Ao completar 77 anos de idade, em programa de Rádio, este colunista tendo amizade pessoal com Benjamim de Oliveira, narrou sua existência. Além de várias declarações curiosas de sua longa vida nos circos, pela primeira vez cantou alguns números de frente de um microfone de Rádio e entre eles o lundu «O Perigo». Ainda mencionou trechos do antiquíssimo lundu MULATINHA DO CAROÇO que em Minas todos cantavam sem citar seus autores e publicados nos Trovadores, de 1876.

Benjamim de Oliveira faleceu com 84 anos de idade, a 30 de maio de 1954.

Eu gosto da cor morena,
Sempre amena
Que mimosa me arrabata;
Essa cor é da faceira,
Feiticeira,
Mulatinha que me mata.

Eu gosto dos olhos dela
Quando ela
Para mim os quer volver;
Esses olhos melindrosos,
Tão formosos
Dizem — sim — até morrer.

Amo a cor que se coloca
Na pipoca,
Na parte que não rebenta;
Essa cor assim querida,
Conhecida
Nos bolinhos da mãe Benta.

Mulatinha do caroço
No pescoço
Eis aqui o teu cambão;
Mete o ferro de aguilhada,
Minha amada
No teu dengue cachorrão.

Fura, fura, minha bela,
Na costela
De teu grato camafeu;
Dar-te-ei o que puder
Se a mulher,
Meu amor de ti nasceu.

Dar-te-ei o que quizeres,
Se fizeres
Quanto trago em minha mente...
Nos meus braços, meus cuidados
Oh! pecados!
Vai-te embora, que vem gente!

A seguir: MEU NOME É NINGUÉM.

Houve um Momo "colored" que não participou do carnaval carioca

Os carnavalescos cariocas (e os de outras plagas também) ao invés de personificarem Momo como o deus «da burla, das críticas maliciosas e das coisas espirituosas», tal qual o apresentam os livros e as lendas mitológicas, preferiram fazê-lo rei, soberano. Não o representam, por isso, empunhando o clássico tirso, com hera e folhagens, semelhante ao de Baco, mas sim um pesado e simples bastão. Dispensaram-lhe, ainda, o uso de máscara, a exemplo da figura da divindade em que se inspiraram e que tem apenas aquele disfarce na mão, num gesto de quem o acaba de retirar. Em compensação, quando o termômetro passa dos 37 e ameaça ir aos 40, no rigor do verão, puseram-no carregando pesada coroa e trajando roupa de veludo, gorgurão ou similares.

Assim, desde 1933, ano em que o movimentado vespertino «A Noite» idealizou e incorporou ao nosso Carnaval um Momo de carne, osso e muita gordura (o turfista Moraes Cardoso), o deus da galhofa, tornado rei, preside todas as ocorrências em seu louvor. Mas, como acontece com todos os soberanos, mesmo quando eles são de fantasia, brincadeira, há sempre alguém cobiçando o trono, de olho na coroa. Sua majestade Momo, não escaparia à regra. Surgiu então, depois de várias tentativas de derrubada do risonho monarca,

taxativa e imperiosa, uma lei para, absurdamente, determinar a eleição do rei. Lá estão, em artigos e parágrafos, as exigências de estatura, de peso, de folha corrida, de atestado de saúde, etc., etc. Não se aludiu, porém, à cor, mesmo sob qualquer artifício racista. Se tal acontecesse, além de infringir preceitos anti-segregacionais que o nosso povo observa, seria tolice condenável, pois já tivemos um Momo «colored».

Benjamin, o Momo

Em 1910, na noite de 21 de junho, o famoso Circo Spinelli, naquela época instalado no afrancezado «boulevard» de São Cristóvão, e de propriedade de Affonso Spinelli, anunciava novo espetáculo com a peça «Cupido no Oriente». Contendo, ou como dizia a publicidade, «ornada com 28 numeros de musica do talentoso e incansável maestro Paulino do Sacramento», tinha como autores Benjamin de Oliveira e David Carlos. Tratava-se de «opereta fantástica, em um prólogo, um quadro, 3 atos e uma apoteose», cujo reclame estampado na imprensa, e ocupando quatro colunas, procurava atrair grande frequência informando que a montagem era luxuosa com cenários de Deodoro. Uma estréia, portanto, fora do comum e capaz de encher não só o «galinheiro», as

cadeiras especiais, os camarotes e, o mais importante, deixar vazio o Colyseu Sul-Americano, outro circo existente no mesmo «boulevard» e principal concorrente.

Na distribuição das personagens que seriam interpretadas por Leontine Vignat, Lili Cardona, Baiano (o cançonetista), Kaumer Pery (Tico-Tico) e outras figuras de destaque do elenco que deixaram nome na história circense carioca, avultava o de Benjamin de Oliveira. O consagrado palhaço negro, cuja versatilidade lhe proporcionou justa consagração, teria a incumbência de encarnar «o galhofeiro Momo» durante a ação da peça que transportava a mitologia para o harem de um sultão do Oriente. Na sua epiderme natural — que ele às vezes procurava embranquecer com precários recursos de maquiagem, polvilhando-a bastante — apareceu no picadeiro caracterizando o deus do deboche. E foi do seu desempenho como vedete do espetáculo que resultou o êxito da peça. A assistência, numerosa, atendendo ao previsto, aplaudiu entusiasmada a representação. Os atores, chamados à arena que lhes serviu de palco, agradeciam. Não apenas com sóbrias curvaturas, mas com os exageros de salamaleques próprios dos «clowns», «tonys» e acrobatas que quase todos eram ou com os quais conviviam.

Momo voltava sempre

Peça que teve seu agrado ressaltado nas colunas teatrais e da qual a «Gazeta de Notícias» de 23 de junho disse, registrando a estréia e felicitando os intérpretes, que a encenação suplantou «alguns sucessos dos palcos de nossos teatros», ela voltou ao cartaz muitas vezes. O Spinelli apresentou-a em 1910, 11, 12, e no «Jornal do Brasil» de 20 de maio de 1913 ainda era nunciada frisando: «o papel do galhofeiro Momo continua sendo feito por Benjamin de Oliveira». O palhaço negro, intérprete e autor de inúmeras farsas, pochades, mágicas, em que teve como colaboradores músicos do valor de Paulino do Sacramento, Adalberto de Carvalho, Irineu de Almeida e outros, incluía desse modo «Cupido no Oriente» no seu repertório de resistência. Todas as vezes que queria atrair seus admiradores, lotar o circo, punha-a no picadeiro, retornava à personagem de Momo.

Hoje, quando Abraão Haddad, depois de uma contenda em que levou a melhor ainda pôde ser Momo, rei, soberano do carnaval carioca, mantendo a dinastia de carne, osso e gordura iniciada por Moraes Cardoso e bem interessante lembrar-se o Momo negro «colored», que o famoso Benjamin de Oliveira personificou. Ele não trouxe a figura para as ruas, não a desfilou nos dias «gordos», solene e divina, sem obesidade, sem coroa, apenas empunhando o tirso com ramagens e mostrando a máscara que lhe é atinente. Que elejam novos Momos, com altura e peso determinados. Nenhum deles, porém, roubará a primazia do Momo «colored», que copiando o deus irreverente, expulso do Olimpo, os antecedeu num picadeiro e ficou alheio ao carnaval carioca.

Jota Efege



Benjamin de Oliveira, o Momo "colored" do picadeiro do Spinelli

Reggiani volta cantando

Serge já é avô, aos quarenta e cinco anos e foi esta idade que ele escolheu para mudar o rumo de sua vida. Todos lhe diziam que era um ótimo ator, um extraordinário ator. Na verdade ele teve seus sucessos, um dos maiores em «Casque d'or» com Simone Signoret, mas os bons papéis lhe eram muito raramente oferecidos, embora os elogios não faltassem.

Então, de repente, contra a opinião de todos os amigos, mas com o apoio da esposa, ele resolveu experimentar suas

leve, alegre, feliz. Nos ensaios ele só usa camisa de malha e blue jeans, quando a plateia está presente Serge faz a concessão de usar um terno,



mas pretende substituí-lo brevemente por uma espécie de blusão esporte.

Na Itália Serge Reggiani trabalha muito em rádio, só

que isto já não é sua paixão. E ele sempre fez questão de ser apaixonado pelo seu trabalho. No momento o grande amor é a canção.

Há tempos sua atenção voltou-se toda para a pintura. Chegou a ter uma galeria. Depois cansou-se de tanto olhar quadros, na galeria, em casa, nos ateliers de diversos pintores. A mulher contribuiu para isso, alegando que era impossível manter uma conversa com Serge, mesmo à mesa: ele comia contemplando os quadros. E uma coisa

elis regina abafa em paris

A pequena-grande cantora volta oito vezes ao palco. O CRUZEIRO vê e documenta a consagração da música brasileira



qualidades de cantor. Sucesso imediato e fulminante. Vendeu cinquenta mil discos em cinco meses, foi a grande atração parisiense quando se apresentou no Bobino. Suas tournées pela França são grandes acontecimentos. Outro dia, em Aix, o público simplesmente se recusava a deixar o teatro, depois de um espetáculo em que ele mostrou exatamente a técnica que empregava no preparo de cada uma de suas canções. Os aplausos sacudiam à noite da cidadezinha sempre tão tranqüila.

Reggiani se dedica a sua nova profissão com um entusiasmo de adolescente. A ginástica diária tornou-se uma obrigação, faz um regime severo para não aparecer nunca senão em sua melhor forma. E o homem está feliz de dar gosto. Diz que pela primeira vez em sua vida faz realmente o que quer. Um ator que representa Moliere, Racine, Brecht, Shakespeare torna-se ao fim uma pessoa grave. A música torna o sujeito



Pé na Estrada

A sempre louvada Bahia

"A Bahia tem um gosto que nenhuma terra tem", disse Dorival Cayrol numa de suas composições consagradas. E muitos outros compositores, escritores, historiadores, dedicaram páginas e páginas na exaltação da "boa terra" que parece usufruir da preferência mesmo do homem comum.

Agora que as viagens por estrada em ônibus confortáveis se tornaram corriqueiras, diminuindo as distâncias sem recorrer ao avião ainda temido por muita gente e muito mais dispendioso, chegou a hora de ir ver "o que a Bahia tem".

Descoberta em 1501, a 1º de novembro, por isso cognominada "Bahia de Todos os Santos" desde logo atraiu atenções desejadas — de governantes e indesejadas — de corsários, piratas e, no século XVII, dos invasores holandeses.

Vencidos os inimigos, a cidade de São Salvador prosseguiu em sua expansão construtora e intelectual havendo grangeado a tradição de centro de cultura.

Embora se diga existir tantas quantos os dias do ano as igrejas não atingem esse número. A Bahia tem 1 catedral, 28 matrizes, 45 igrejas, 61 capelas e 47 templos não católicos. E certo que sob o ponto de vista da qualidade artística, são das mais bonitas do

Brasil e mais representativas da arte colonial.

Não podendo deixar de citar algumas nominalmente, principiaremos pela da Graça que se presume ser a primeira construída; datando dos fins do século XVI, destacamos a igreja do Convento do Carmo com sacário e tocheiros em prata pura, lustres de bronze a preciosidade do frontal do altar, trabalhos em talha e que a história nos conta ter sido palco da assinatura da rendição dos holandeses em 1625; do século XVII temos a Basílica Maior da Catedral em mármore e cantaria, pintura, móveis de jacarandá maciço; do século XVIII, a Venerável Ordem 3º de S. Francisco, fachada em pedra esculpida, painéis sobre a vida do santo e a "Igreja de ouro" do Convento de S. Francisco com frontispício de pedra lavrada em Lisboa; do século XIX lembramos a Igreja da Vitória (reconstruída); a da Ajuda também reconstruída onde se venera a imagem de Nossa Senhora trazida por Tomé de Sousa; a igreja e Convento do Destêrro, com piso de mármore europeu, alfaias em ouro e prata e sacário de prata — obra-prima da famosa ourivesaria de Portugal. Poderíamos mencionar outras como a igreja do Mon-

te Serrate perto do forte, a de S. Pedro dos Clérigos, a popular Basílica do Senhor do Bonfim, em estilo Renascença, cuja visita é quase obrigatória para de lá trazer a "medida" do Senhor... Mas o "gosto" da Bahia não é apenas igrejas. São as praias — Itapoã (com a lagoa do Abaeté) e Amaralina as ilhas os inúmeros recantos pitorescos, as feiras e festas populares, a pesca do xareu, os candomblés e terreiros, as comidas típicas as ladeiras e ruas tortas e também a parte moderna que apresenta grandes avenidas, artérias iluminadas com luz fluorescente elegantes bairros residenciais, obras públicas de vulto, construções de destaque.

O típico de S. Salvador que "outras terras não têm" é o conjunto de coisas diferentes proporcionando atmosfera de dignidade e beleza. Em toda a parte se encontram traços do autêntico barroco português. O passado está vivo nos fortes — Monte Serrate, S. Diogo, S. Marcelo e Gamboa — nas fortalezas — da Barra, S. Pedro de Barbalho e de Santo Antônio, hoje Casa de Detenção — e nos muitos solares: Casa das 7 Mortes, Conde dos Arcos, Unhão (espécie de cidadela medieval), dos Governadores (re-

formado), Berquó (hoje colégio e que parece remontar ao ano de 1691), Paço Municipal (sede da Prefeitura e da Câmara de Vereadores) etc.

O município ocupa área de 760 quilômetros quadrados e constitui centro de grande atração turística não só por sua topografia, seus aspectos urbanos e históricos, como por sua população, seus costumes, sua formação étnica e social, seu "feitiço" que "faz a gente querer bem".

Dentro a rede hoteleira destacamos alguns hotéis com as respectivas diárias em novos cruzeiros: Grande Hotel da Barra, na av. Sete de Setembro, 491, com piscina ar condicionado em frente à praia e diária de 29.00 a 35.00 para solteiro e de 37.00 a 43.00 para casal; Hotel da Bahia, na Praça 2 de Julho nº 2, de 28.00 a 36.00 para solteiro e de 34.00 a 56.00 para casal; Hotel Oxumaré, av. Sete de Setembro nº 22/24, de 25.00 a 35.00 e de 31.00 a 42.00; Palace Hotel, rua Chile nº 20, de 12.00 a 20.00 e de 18.00 a 26.00; no Imperial Hotel, av. Sete de Setembro, 122 e no Hotel Internacional vigoram os mesmos preços isto é de 7.00 a 10.00 e de 12.00 a 15.00 e muitos outros num total aproximado de 25 assim como maior número de pensões.

Da Rodoviária Novo Rio diariamente partem ônibus para Salvador no horário de 7.30, 7.45, 11 e 13 horas. A viagem tem a duração de 28 horas e os preços são de NCr\$ 30.53 e 60.36 com leito.

ele faz questão de manter, a harmonia em casa, que segundo ele comessa aos quatro ventos, é a paixão que paira acima de todas as outras. Annie Noel é uma esposa feliz, seu filho Stephan, que é também cantor, adora o pai. Os outros quatro filhos também procuram sempre estar ao lado dele.

A filosofia de vida de Serge Reggiani o vem conservando bem humorado através os anos: a família e os amigos, entre os quais os irmãos Prevert, Roger Pigault, François Perier, em primeiro lugar. Ao lado deles divertir-se, sair, comer e beber coisas boas. E recusar firmemente o resto, quando há risco que essas coisas oferecidas possam interferir com as principais.



ROBERTO CARLOS

Depois da vitória em San Remo o rei descança, pescando no Tietê.



PARIS. EXTRA! REVOLUÇÃO NA MODA

Os últimos lançamentos da alta-costura francesa com modelos revolucionários.

POR QUE AS MULHERES TRAEEM?

O CRUZEIRO pergunta e 70 mulheres respondem sem medo.



CORINTHIANS QUEBRA A ESCRITA

Onze anos depois, o Corinthians quebra a escrita do Santos.



e mais:

"EU FUI PRISIONEIRO NO VIETNAME. CIÊNCIA CONDENA "BANDIDO DA LUZ VERMELHA" AS ENCHENTES DE MINAS GERAIS.

VOCE TAMBÉM JA REPAROU COMO "O CRUZEIRO" ESTA BONITO?

O CRUZEIRO

No Rio, Há 50 Anos

Souza Rocha

★ A poetisa Gilka da Costa

Desde abril de 1911 circulava no Rio uma luxuosa revista mensal, A Faceira, que tinha mesmo como divisa o "Culto à Mulher". Dirigia-a, desde a fundação, o dr. J. Carvalhais Pinheiro e seu redator-chefe era, a partir de outubro de 1911, o dr. Alvarenga Fonseca. No rol dos numerosos colaboradores que figurava, cada número, no expediente da revista, luziam, entre outros, os nomes de Júlia Lopes, Elvira Gama, Zelinda Gomes — entre senhoras —; de Leonor Posada à frente sempre do grupo das senhoritas e de Ferreira da Rosa, Hermes Fontes, Pedro do Couto, Ernesto Souza, Noronha Santos, Belmiro Bretas e Rodolfo de Melo Machado.

No número 9 de A Faceira, correspondente a abril de 1912, é apresentada, com galas especiais, uma nova colaboradora; a jovem senhora Gilka da Costa, a poetisa que viria a celebrar-se, com justiça, na nossa história literária, como Gilka Machado, a partir de 1915, quando apareceu o seu primeiro livro, Cristais Partidos.

Gilka da Costa, em 1911, com 18 anos apenas e já casada com o poeta simbolista Rodolfo Machado, havia alcançado o 1.º e o 2.º lugares no concurso literário feminino instituído pela A Imprensa, com as poesias Falando à Lua e Beijo. A revista de Carvalhais Pinheiro, ao fazer a apresentação da nova colaboradora, dá uma nota muito amável, falando da "delicadeza artística de sua forma poética", recordando-lhe o duplo sucesso no concurso do ano anterior e citando-lhe os antepassados de pendores artísticos: a mãe, a inteligente atriz brasileira Tereza da Costa; um avô, o maestro português Pereira da Costa e um bisavô, o repentista baiano Francisco Moniz Barreto. Ilustrando o tópico alusivo à "senhora Gilka da Costa" — "esta moderna artista do verso" — A Faceira estampa, com o apuro gráfico que era um dos seus apanágios, um curioso retrato da vitoriosa poetisa de 19 anos: — sentada, rígida e ereta, numa ampla cadeira de braços com assento de palhinha, dona Gilka, de traje escuro e com uma esquisita echarpe, olha firmemente à esquerda, segurando com a mão direita, pela lombada, um pesado volume encadernado, apoiado sobre a perna e com o braço esquerdo estirado numa pose opriedada sobre o braço da cadeira, ao lado do fotógrafo, certamente...

A poesia que assinala a estréia de Gilka em A Faceira é o soneto Noturno (Mudo arauto anunciando a Noute que vem perto...) e aparece numa página de honra com três outros sonetos — um dos quais de Agrippino Grieco —, quatro artísticos retratinhos de petizes e uma tira de anúncio em rodapé louvando a finura dos xaropes e licores fabricados por "ustódio Mendes & Cia...

★ Os "clubes" da Casa Abílio

Os chamados "clubes de mercadorias", que então se regiam pelo Decreto nº. 8.598, de 11 de março de 1911, vinham tendo grande aceitação pública.

Os sócios inscritos em cada "clube" recebiam o artigo desejado, ou no fim do pagamento de todas as prestações aprazadas ou no decurso desse pagamento, se contemplados nos sorteios semanais que se faziam pelos resultados da Loteria Federal.

Os "clubes" mais anunciados eram os da Casa Abílio, de Abílio Murce & Cia., estabelecidos na Rua Teófilo Otoni nº. 6. A Casa Abílio tinha, na época, quatro espécies de clubes, com prestações semanais que variavam de um a cinquenta mil réis e com prazos de duração de 30, 50, 80 ou 175 semanas. Um prestamista afortunado podia ser sorteado logo após o pagamento da primeira prestação, recebendo o artigo que pretendia — fosse qual fosse o seu valor — sem mais nenhum dispêndio.

Filtros de água, vibradores elétricos, balanças "Jaraso", gramofones, espingardas de caça "Neumann" ou "Treff", bicicletas "Royal", pianos e bicicletas "Stichel" e até automóveis,

eram oferecidos nesses "clubes". Para obter um automóvel "Metz 22" — carro popular para três pessoas, "muito próprio para cidades do interior, por subir facilmente qualquer colina" — o sócio se obrigaria a 175 prestações semanais de 20 mil réis, jogando no sorteio com duas centenas. Já, para fazer jus a um filtro "Fiel", o prestamista jogava com cinco centenas durante 30 semanas, com pagamentos semanais de 5 mil réis.

★ Quatro manuais do "Quaresma"

Numa mesma página do Correio, de 3 de agosto de 1912, o popular editor Quaresma — Pedro da Silva Quaresma, com livraria na Rua São José nº. 71 e 73 — faz publicar anúncios separados — muito pormenorizados e pitorescos — de quatro de seus utilíssimos Manuais: — o Manual do Chauffeur, o Secretário Moderno, o Manual da Copa e Botequim e o Cozinheiro Popular, os três primeiros "acabados de publicar", o último, uma edição mais antiga da casa.

O Manual do Chauffeur, de autoria de J. Queiroz, repleto de gravuras, trazia além da descrição minuciosa das "máquinas", "receitas diversas relativas ao serviço de automóveis", seguidas de "um regulamento para evitar desastres"... Custava 3 mil réis.

O Secretário Moderno, também da lavra do onisciente J. Queiroz, definia-se como um "guia indispensável para cada um se dirigir na vida sem auxílio de outrem". Dividia-se em quatro partes: Cartas Familiares, Correspondência Comercial, Modelos de Requerimentos (inclusive a "maneira de dobrar o papel, numerar, escrever e fazer o endereço") e Formulário do Casamento. Inculcava-se o Secretário como o único livro que trazia modelos de cartas escritas em "linguagem fácil e estilo moderno". E com suas 324 páginas, e bem encadernado, vendia-se apenas por 3 mil réis...

O Manual da Copa e Botequim, vendido a 2 mil réis, trazia como nome do autor o de Peter Brayerson. Era obra especialmente dedicada aos "senhores caixeiros de vendas, hotéis, confeitarias, botequins, restaurantes e bares". Continha numerosas maneiras de "formular be-

vidas": refrescos, sorvetes, limonadas, aperitivos e amargos, dando o anúncio pronunciado relêvo às receitas das "bebidas feitas com ovos" — verdadeiros tónicos, diiza — e a uns tais "chilenos" — "deliciosos chilenos, muitíssimo apreciados e de sabor agradabilíssimo"...

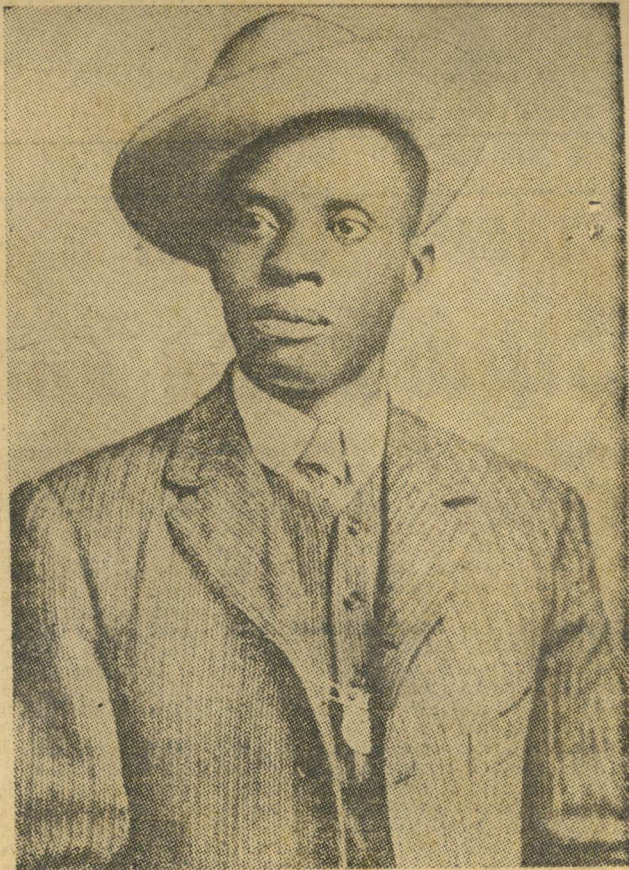
O Cozinheiro Popular — ou Manual Completíssimo da Arte de Cozinhar — anunciado sem indicação de autoria era vendido a cinco mil réis. Incluía, além do receituário culinário, um Manual do Copeiro e uma Coleção de Menus para banquetes, em português e francês. No receituário, ensinavam-se as "comidas de todos os países da terra". Na descrição da "cozinha verdadeiramente nacional" vinha a ilustrativa e apetitosa enumeração: — "guisados mineiros; quitutes baianos; o gênero paulista; as iguarias do Norte; os manjares do Sul, principalmente do Rio Grande, tudo quanto se quizer; muquecas; carurus; angus; feijoadas à baiana com leite de côco e o célebre prato baiano — a frigideira"...

Agora, uma notícia sobre os autores J. Queiroz e Peter Brayerson, ouvida do nosso atual "mercador de livros" Carlos Ribeiro que, como se sabe, iniciou sua vida de livreiro com o velho Quaresma e seu gerente, o muito vivo José Matos. J. Queiroz e Peter Brayerson eram pseudônimos: o primeiro do escritor cearense Anibal Mascarenhas e o segundo, do oficial de Marinha reformado Tycho Brahe de Araújo Machado, contratados ambos pelo editor, como compiladores de manuais sobre os mais diferentes assuntos.

★ Benjamin de Oliveira, o astro circense

Em 1912, Benjamin de Oliveira, contando apenas 43 anos de idade, estava no apogeu de sua carreira circense, brilhando — como autor e como ator — na bem organizada "Companhia Equestre Nacional da Capital Federal" que trabalhava no Circo Spinelli no Boulevard de São Cristóvão — o célebre "picadeiro da Rua Figueira de Melo", como diziam comumente alguns jornais.

Benjamin de Oliveira, com as numerosas farsas que compôs e representou, foi o verdadeiro in-



Benjamin de Oliveira o famoso artista do Circo Spinelli — autor e ator — estava, em 1912, em pleno apogeu. Neste ano duas peças de sua lavra marcaram sucessos de primeira: em maio a revista "Por Baixo" e, em junho, o melodrama "Culpa de Mãe"

troductor do teatro popular no circo nacional. Numa publicação, de 1908, encontram-se citadas as peças da lavra do grande palhaço negro até então representadas na arena do Spinelli: O Diabo e o Chico, Filho Assassino, Irmãos Jogadores, Negro do Frade, Uma para Três, Matufas na Cidade, Colar Perdido, Punhal de Ouro, Filha de Campo (esta, de colaboração com Francisco Guimarães), Princesa Cristal, A Noiva do Sargento, e Empresários Aventureiros, (uma revista sobre a vida artística de acrobatas e ginastas). Em 1910, um sucesso de respeito foi o seu desempenho no papel de Niegus — "engraçadíssimo... e branco como um lírio" — na "Viúva Alegre". Em 1911 houve outro marco de ouro na trilha do popular artista: — o seu festival, realizado a 12 de dezembro, em que foi representada com notável apuro a sua peça, A Procura de uma Noiva, com versos de Catulo Cearense e música de Paulino do Sacramento.

Em 1912, Benjamin de Oliveira logrou dois outros sucessos excepcionais, pouco espaçados um do outro. Em maio apresentou a revista brasileira de sua lavra, Por Baixo! "ornada" com 26 números de música de Juanita Gomes, Paulino do Sacramento, Henrique Escudero, J. Batista e C. Ferreira. O gênero da peça era, no Spinelli, uma sensacional novidade. Benjamin vivia o Tareco, um moleque sarado da Saúde, bebedor incorrigível que vai dar, certo dia, com os costados no reino das Estrelas. Júpiter, magnânimo, conhecendo-lhe a história, dá-lhe logo o indulto e o envia "para baixo" como cicerone da princesa Astronina. Tancredo cai no Rio de Janeiro e faz a princesa assistir a uma completa desfilada de fatos, episódios e tipos cariocas.

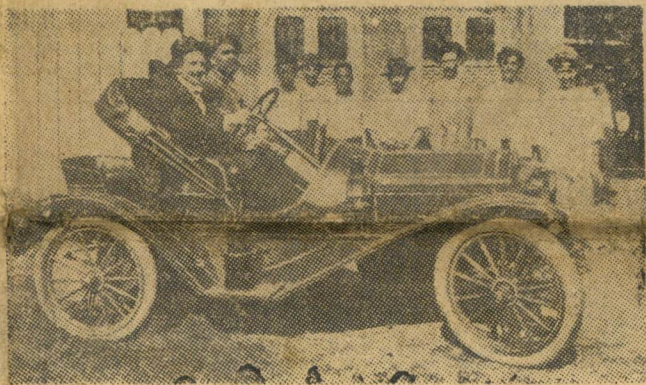
Em junho, Benjamin voltava ao cartaz do Spinelli como autor do "emocionante melodrama", em 3 atos, Culpa de Mãe, também "ornado" com diversos números de música, entre os quais se destacava "uma linda barcarola cantada por marinheiros". Como to-

das as peças-exibidas pela companhia dirigida por Afonso Spinelli, Culpa de Mãe foi montada e vestida exemplarmente: tinha bonitos cenários especialmente pintados por Deodoro de Abreu e todo o guarda-roupa provinha do reputado atelier da própria companhia chefiado por uma certa "Mademoiselle Francisca", sempre muito gabada nos anúncios da empresa e nas críticas das estréias. Benjamin, na peça, fazia o dramático papel de Samlique, um decidido rapaz que se torna assassino por motivos de honra.

Analisando o espetáculo, o País escreveu: "O fecundíssimo Benjamin de Oliveira mimoseou ontem os frequentadores do Circo Spinelli com uma nova produção de seus variados aspectos de autor. Desta vez quis ele enfrentar o gênero antigo do dramalhão e o fez com todos os velhos matadores do estilo, com a alteração moderna do enxerto de números de música"... "A peça tem cenas muito bem urdidas, principalmente no 2.º e 3.º atos, quando a ação se torna verdadeiramente interessante". E assinalava com ênfase: "Um fato notável: todos os papéis, menos os seus intérpretes na ponta da língua. Não se viu uma só hesitação".

Um choroso dramalhão como Culpa de Mãe, levado num picadeiro de circo, traria provavelmente certas confusões. E as trouxe realmente. Els o que a crítica observou a respeito: "Alguns espectadores do anfiteatro confundiram por vezes com as facécias das revistas e barleias a que estão habituados, as cenas de dor e lágrimas do drama. Gargalhadas irreverentes foram abafadas pelos protestos da maioria".

Benjamin de Oliveira, como muitos não de recordar, manteve até o fim de sua longa carreira a posição culminante que cedo conquistou no nosso circo. Ao morrer, aos 85 anos, a 30 de maio de 1954, pobre, paupérrimo quase, o grande palhaço deixou uma tradição que há de se manter perene nos modestos fastos do nosso teatro popular.



Um automóvel "Metz 22", dos que custavam, à vista, 2.800\$000, e eram vendidos nos "clubes" da Casa Abílio em 175 prestações semanais de 20 mil réis. No volante, pimpão, o sr. Gomes Braga, dono do Restaurante "Filhos do Céu"

Coluna de Édipo

J. J. Dias de Azevedo (PY)

PALAVRAS CRUZADAS



AO QUEIROZ (PH), MEU ABRACE DE ADMIRAÇÃO

